

## RESENHA DO LIVRO

### *Sinos de silêncio: canções e haikais, de Corsino Fortes*

por **Vera Duarte**

Poeta e escritora caboverdiana

<http://dx.doi.org/10.17074/2176-381X.2015v13n2p5>

#### PRÓLOGO

Poema perdido  
No pó poalha da palavra  
Pavor do poeta  
(FORTES, 2015, p. 21)

É assim que Corsino Fortes abre seu último livro, publicado dias antes “da sua última viagem”, aos 82 anos de idade. Pavor do poeta... Certamente será a página em branco, deixando-se manchar com o pó da palavra ainda desconhecida, mas, ao mesmo tempo, sabedora do impacto do silêncio se transformando em sinos.

A partir do “PRÓLOGO”, o livro, conjugando poemas e imagens (fotografias de Corsino Fortes, José Freitas, Luís Andrade-Dussula e Paulo Nunes), convidará os olhos leitores a percorrerem um labirinto feito de síntese e expansão.

Com delicado e revelador prefácio de Simone Caputo Gomes, *Sinos do silêncio* divide-se em duas partes. Na primeira, sete poemas (“14 D’FEVRER”, em crioulo; “QUARTETO PARA UM RETRATO”; “A EVA DO ‘H’ DE CRISTO”; “BONECA DA MINHA ALDEIA”; “OS OLHOS DA ILHA QUE O ARQUIPÉLAGO AMOU”; “ADÃO & EVA”, em português; e “MORABEZA”, em crioulo) compõem o conjunto de canções, por meio das quais o poeta, fazendo uso da já conhecida qualidade metafórica de sua poesia, abre espaço para a memória íntima dos sentimentos, das gentes e das coisas, sempre relacionados ao universo caboverdiano, através de signos que, em muitos momentos, revelam laços estéticos com a trilogia épica *A cabeça calva de Deus*, e que, em outros, dão vez e voz a uma subjetividade lírica impregnada pela vivência do afeto que nasce na ilha de São Vicente e se evola pelas ilhas e pelos continentes afora.

Em seguida, a “NOTA DO AUTOR” – “Por vezes o Haikai é uma janela/ que se abre de fora para dentro” (FORTES, 2015, p. 59) – surge como generosa indicação do novo caminho que a poesia de Fortes irá trilhar, buscando, na harmonia sintética do haikai, a forma exata para constituir o derradeiro legado de um

cantor do povo, que é um homem que possui, simultaneamente, a sabedoria do coletivo e a delicadeza ímpar do ser como indivíduo.

Agrupados a partir dos títulos temáticos “AMOR”, “IDENTIDADE”, “NATUREZA”, “ZEN”, “NAÇÃO EM REDE” e “MORABEZA”, os haikais, tal como prometeu o poeta, expandem para dentro do ser as muitas e expressivas referências que compõem o universo lírico de Fortes, alinhavando, por meio da precisão sutil dessa forma poética, a própria precisão e sutileza que a verve de Corsino Fortes revelara desde *Pão & fonema* e que encontrou no haikai o casamento perfeito entre forma e conteúdo.

Fechando o ciclo, os versos do

#### EPÍLOGO

Da página em branco  
O poema bate... aflito  
À porta do poeta  
(FORTES, 2015, p. 125)

não prescindem da aflição do poema que, contrariamente ao “PRÓLOGO”, bate aflito à porta do poeta, certamente porque Corsino Fortes sabia o quanto de entrega e de certeza de incompletude o ato de criação se constituía..

Voltemos, entretanto, ao início, para nos aproximarmos um pouco mais dos plurais sentidos que o livro nos apresenta.

O “PRÓLOGO”, que, genialmente, o autor nos oferece é, além de realmente um prólogo, um belíssimo haikai a inaugurar esta nova estação na arte do poeta. Por isso, assim como Corsino surpreendeu e desconcertou seus leitores ao ofertar-lhes, na década de 1970, o poema épico *Pão & fonema* – a primeira parte da futura trilogia de *A cabeça calva de Deus* –, também agora, nesta obra da *bela idade*, ele maravilha e encanta todos ao nos presentear com o haikai, gênero literário oriundo do Japão que, pela mão deste poeta consagrado, faz a sua entrada triunfal na literatura caboverdiana. Não que aqui e ali algum autor caboverdiano não tenha escrito algum haikai, mas, quando aconteceu, foi de forma dispersa, diluída no meio de outra escrita poética. É, assim, através de Corsino Fortes, que o ambiente literário caboverdiano é literalmente apresentado a essa forma milenar tipicamente japonesa de fazer poesia, que foi transposta do Oriente para o Ocidente em finais do século XIX.

Antes, contudo, dos haikais, Fortes faz das canções a ponte entre os poemas longos da trilogia épica e a versificação quase estática da forma japonesa que ele abraçaria.

Neste livro, portanto, a escrita empolgada do seu canto épico vertida em *A cabeça calva de Deus* dá lugar à escrita intimista e telúrica das canções, a começar pelo emblemático “14 D’FEVRER”, que não podia ser outro senão uma prova de amor e *morabeza*, como está sub-epigrafada. Na verdade, “14 D’FEVRER” trata-se de um hino ao amor entre homens e mulheres e a uma natureza antropomorfizada que ama e se ama. É um hino escrito por alguém que nasceu no dia 14 de fevereiro, dia dos namorados em Cabo Verde, e que foi um *enamorado* a vida inteira. Uma vida que canta, em “QUARTETO PARA UM RETRATO”, a sua terra e a sua gente, a baía de todos os santos e a avó que se “expandia, trazendo o Brasil às costas, e o Rio de Janeiro entre seios ! Braços e pernas”, porque

**Repito ...**  
Se sonho acordado  
    Na minha esteira de terra batida  
Ela vem...vindo...silenciosa...  
E introduz: navios! Ilhas & continentes  
Que navegam  
    Pelos mares que emergem  
        Da memória da minha avó  
É & foi sempre ouro  
A lapidação do silêncio  
    Nas rugas da minha avó...  
(FORTES, 2015, p. 31)

Por outro lado, a mulher, sempre deusa, é cantada de uma forma singular pela pena deste poeta que, no poema “A EVA DO ‘H’ DE CRISTO” (segundo o verbo de Daniel Medina), proclama

...  
Entre dois rios e duas marés  
Perdeu-se  
Uma cascata de mulher  
É fácil encontrá-la  
    Nua ou vestida  
Ela traz um arco-íris  
Em cada onda  
Em cada curva de mulher  
... (FORTES, 2015, p. 34)

A nobreza de caráter e a generosidade deste homem refletem-se intensamente na sua poesia. É assim em “BONECA DA MINHA ALDEIA”, quando ele convoca o novelista caboverdiano Aurélio Gonçalves que escreveu sobre as “meninas da vida” do Mindelo. A “boneca” de Corsino “oferece um violino e uma melodia... às virgens loucas da minha ilha” e às crianças “peregrinas e órfãs de

presentes natalinos... magras de mães! pais!” A Boneca oferece uma sílaba viva. As meninas retribuem o carinho e vão

...  
De morada em morada  
Visando  
namorado  
noivo  
marido  
Para a boneca da nossa aldeia ...  
(FORTES, 2015, p. 44)

Claramente, este poema remete às aldeias SOS, organização de solidariedade social, onde vivem crianças órfãs de pai e/ou mãe, desejosas de uma família de acolhimento.

E é um Corsino elegantemente erótico que surpreendemos em “OS OLHOS DA ILHA QUE O ARQUIPÉLAGO AMOU (segundo a paixão na poética de Oswaldos Osório)”:

...  
Vi-te! Felina  
no teu pudor erótico  
de seres virgem no útero do mar  
Não  
Eras o Eros + a  
Rosa das anêmonas + as  
Proas que ultimam  
No verão das ondas  
O orgasmo da tormenta  
... (FORTES, 2015, p. 47)  
e

...  
Com o “v” da ave no vôo  
Com o “vd” do dorso da ventania  
Até encontrar  
Nos achados e perdidos (!)  
A mítica costela de Adão  
... (FORTES, 2015, p. 55)

E a Eva que procura em “ADÃO & EVA” nos faz recordar alguns aspectos observados por Christina Ramalho na trilogia épica do poeta, em especial no que se refere à retomada do mito da Mãe-Terra realizada por Fortes em *A cabeça calva de Deus*. Naquela ocasião, Ramalho lembrou reflexões de Joseph Campbell sobre a relação entre Adão e Eva:

Além desse ponto de vista em relação à criação de Eva, Campbell também cita o fato de Adão ter sido modelado do pó, o que remontaria à imagem mítica da Mãe-Terra. Assim, o casal adâmico, em lugar de ser visto como representação da dicotomia hierárquica homem/mulher, pode ser analisado, num enfoque inovador, como símbolo da interação masculino/feminino a partir da mútua vivência simbólica da maternidade impressa no fato de Adão ter sido gerado do barro (Mãe-Terra), de haver este, por sua vez, gerado Eva, e esta, completando o ciclo, ter se tornado a mãe dos filhos de Adão. Na citação, Campbell acentua o fato de que a imagem do casal adâmico é reproduzida a partir de um condicionamento do *logos* que elimina, por

exemplo, a observação dessa possibilidade: Adão, mãe de Eva (RAMALHO, 2015, p. 416)

“MORABEZA (segundo desafio de Tito Paris)” fecha gloriosamente o ciclo das canções. Morabeza é a palavra-chave para definir a idiossincrasia caboverdiana; corresponde efetivamente a um desafio que o conhecido cantor caboverdiano Tito Paris fez a Corsino Fortes, no sentido de ele escrever uma letra para o músico interpretar. Assim, essa canção está escrita em crioulo e canta as ilhas de Cabo Verde, sobretudo a de São Vicente, e B. Leza, seu músico de exceção.

Avisados pelo poeta (em “NOTA DO AUTOR”, como já vimos) sobre a mudança que, então, a veia poética tomaria, encontramos-nos com o haikai e o desafio de recompor o olhar para a nova forma de poesia que ali teria início.

Eu própria nunca tinha prestado uma atenção diferenciada a essa forma de fazer poesia e fui verdadeiramente surpreendida pelo poeta, quando, no final de uma reunião da Academia Caboverdiana de Letras, disse-me que queria mostrar-me algo. Eram, nem mais nem menos, dois dos seus mais belos haicais, ainda em fase de construção, “Brisa” e “Topo de C`roa”. Confesso que fiquei encantada e até hoje presa à primeira versão do haikai “Brisa” que achei belíssimo e que dizia assim:

BRISA  
Embarcar na flor  
Para regressar perfume  
Na próxima primavera

(FORTES, 2015, p. 81)

Parece que, por razões da construção do haikai, ele teve de adotar a forma que ficou cristalizada no livro, à página 81, com o último verso a escrever-se: “Primavera próxima”.

Já o haikai “Top de C`roa” me encantou na sua forma definitiva, depois de ter passado por algumas variações. Apreciei mais a palavra *coroa*, por ter uma caligrafia mais próxima do crioulo “C`roa”, cuja ressonância me ficou no ouvido e é o que oiço de cada vez que leio esse haikai.

Mas voltemos ao “PRÓLOGO” que é o início do livro e ilustra bem o que é o haikai.

“PRÓLOGO” retrata-nos o já conhecido pavor do poeta ante a página em branco. E a pergunta que se impõe é: ficará o poeta tolhido pelo pavor e não vai procurar o poema perdido no pó poalha da palavra?

Jamais!

E esta resposta é-nos sugerida no “EPÍLOGO”, que é mesmo o final do livro e é um haikai de forma igualmente bela. Nele, podemos constatar que, no final, a situação se inverte e, agora, é o poema que bate aflito à porta do poeta, querendo que ele o escreva. Considero esse poema premonitório – até pelo que ele nos revela do estado de alma do autor.

Na verdade, o poeta Corsino, que vivia um momento particularmente fecundo em matéria de criação poética – como eu própria posso testemunhar – viu que não teria o tempo de vida necessário para escrever toda a poesia que lhe ia na alma.

Ele, que considerava viver até aos 92 anos de idade, constatou que a doença que lhe sobreveio aos 82 anos não lhe daria o tempo que ele precisaria para escrever. Daí que agora fosse a vez do poema bater-lhe à porta aflito, pedindo-lhe que o escrevesse.

Esse quadro seria dramaticamente revelador de um grande tormento, se não tivéssemos a certeza de que os últimos tempos e dias do poeta foram também vividos com a proverbial serenidade que o caracterizava, apesar da doença que se tornou cada vez mais uma certeza do final da vida.

E é exatamente aqui que queríamos chegar, para tentarmos a compreensão da grande alegria e, quiçá, beleza que os haikais trouxeram à vida do poeta.

Como já se disse, o haikai nasceu no Japão e naturalmente está perfeitamente enquadrado à filosofia milenar oriental de viver a vida com simplicidade, serenidade e em comunhão com a natureza.

Não estranha, pois, que uma personalidade como a de Corsino Fortes tenha ficado fascinada pelo haikai, pois ele era possuidor de humildade e serenidade admiráveis; tudo nele era tributo à natureza, sendo que a própria doença era tratada por meios alternativos com produtos naturais e nunca com recurso à medicina convencional. Por isso é que o epigrama lírico em que se traduz o haikai – e no qual são vazados “emoções, imagens, comparações, sugestões, suspiros, desejos, sonhos... de encanto intraduzível” – o conquistou de forma quase total a partir do momento em que se encontrou com ele.

Referindo-se a esses dois haikais “PRÓLOGO” e “EPÍLOGO”, diz Simone Caputo Gomes, no inspirado prefácio com que enriquece este livro: “numa trajetória que parte do pavor do poeta ante a página em branco (perdido em meio aos murmúrios das palavras) e chega ao poema conseguido – o *haikai* –, a poesia corsiniana se consubstanciará numa linguagem afeita a comunicar o mais rápido,

clara e eficazmente possível o mundo das coisas para criar um mundo paralelo – o do poema” (GOMES. *In*: FORTES, 2015, p. 17).

É bem verdade que a poesia por vezes extremamente hermética de Corsino Fortes não é fácil de ser compreendida e interpretada. Todavia, basta que o leitor entre na posse de algumas “chaves” de leitura, para que ela se torne mais acessível. As chaves principais são, sem dúvida, os elementos da natureza que fazem deste Arquipélago e dos homens e mulheres que nele habitam um caso singular de resistência diante das adversidades. São as rochas de que as ilhas se compõem, são as cabras que nos ensinam a comer pedra para não morrermos de fome, é a seca constante que todos os anos invariavelmente nos encontra com a sementeira feita e a morabeza que nos caracterizam, qualquer que seja o infortúnio enfrentado pelos homens e mulheres que não perdem a fé, o sorriso e a amorabilidade face aos outros. Não é difícil ver que é este imenso mar e esta árida terra que o poeta canta por entre sons de viola e violão.

E canta com uma voz tão plena, que malgrado a estranheza do verso e a presença constante das metáforas mais desconcertantes e inusitadas, fica no leitor uma inefável sensação de beleza e espiritualidade que define a arte verdadeira. A construção semântica, a ortografia variada, a utilização constante da letra maiúscula encontram-se ainda pouco estudadas para que possamos tirar as ilações devidas das opções tomadas pelo autor que adota uma ortografia criativa, símbolos abundantemente usados como o “+” numa semiótica extremamente rica e expressiva.

Com propriedade, já Ana Mafalda Leite comentava a escrita corsiniana, a partir de *Pão e fonema*, dizendo:

...

Nota-se a utilização de versos curtos, de tipo assertivo, por vezes fazendo lembrar a máxima, e a disposição do texto na página tira proveito de várias potencialidades gráficas, como por exemplo o uso da maiúscula no meio do verso, muito frequente, que orienta as constantes pausas. O recurso à repetição de sonoridades, como o uso da assonância, da toada musical aliterativa, de afonias, paranomásias e poliptotes, bem como a recorrência da apóstrofe, da exclamação, de paralelismos vários, reforçam igualmente a vocalidade interiorizada pela escrita, simulam a gestualidade e as variações de timbre vocal, os efeitos dialógicos de dramatização do discurso, entre paragens, silêncios, intervalos e retomadas litânicas. Esta soma de dispositivos de estruturação rítmica marca o poema no seu registro de vocação oratória. (LEITE, 1995, p.134)

...

Esta análise pode aplicar-se às canções, pois elas também parecem ser escritas essencialmente para serem lidas em voz alta, declamadas ou cantadas.

A minha recensão, assim, fica pela beleza do verbo e do verso, pela profundidade das emoções e pela sensação de espiritualidade que a escrita poética de Corsino provoca no leitor.

E agora os haikais.

Saindo da lógica binária do épico da trilogia e do lírico das canções, surge-nos o haikai que, segundo nosso poeta, como já vimos, por vezes é uma janela que se abre de fora para dentro.

Por isso é que afirmamos que Corsino aderiu ao haikai com a alegria e a leveza de uma criança que ganha um brinquedo novo. Os anos, a vida e a maturidade fizeram dele um ser humano de exceção fortemente espiritualista e culto, dotado de uma humildade, serenidade e magnanimidade absolutamente invulgar. Além disso, era um ser em profundo contacto com a natureza.

Assim, se compreende o entusiasmo com que ele recebeu este género literário tão distante da escrita caboverdiana.

O poema “ZEN”

Sapo de Bashô  
Salta & mergulha no aquário  
Da minha ... insónia  
(FORTES, 2015, p. 91)

demonstra uma filiação consciente à forma japonesa, ao referenciar o poema “Sapo”, de Bashô, texto retrabalhado por grandes poetas, como Wenceslau de Moraes, Paulo Leminski, Haroldo de Campos.

Fortes aderiu de imediato à influência de Bashô e começou a produzir os mais belos haikais. A cada momento em que a dádiva da inspiração lhe sugeria um novo haikai, ele confidenciava-o de viva voz ou por email ao confrade mais próximo, solicitando opinião. Foi o que aconteceu comigo e com vários outros membros da Academia e não só, nomeadamente com a brasileira Érica Antunes, que fez a sua divulgação através da internet.

Mas adentremos então pelo universo escolhido dos haicais de Corsa David. Na verdade, ele escreveu imensos, tendo selecionado apenas 51 para este livro, incluindo o “PRÓLOGO” e o “EPÍLOGO”.

Fácil se torna analisá-los, pois que estão dispostos por capítulos consoante o sentimento, a emoção ou a sensação que neles predomina. Assim, no capítulo “AMOR”, os belíssimos haikais espelham os vários tipos de amor que se manifestam: à ilha, ao amante, ao amor, tal como se vê em “BRAVA”:



## BRAVA

Na ilha dos amores  
Perde o aroma e a memória  
Flor que não namora

(FORTES, 2015, p. 65)

Já no capítulo referente à “IDENTIDADE”, os temas passeiam pela mãe (identidade primeira), a mulher, os livros e a riola (um sentimento muito caboverdiano).

À “NATUREZA”, ele glorifica as estações do ano. os fenômenos naturais: a chuva, tema incontornável; a seca assunto incontornável; a lestada também incontornada.

No curioso capítulo “ZEN”, a morte e a vida ponteiavam, e é neste, como já vimos, que o autor presta a sua homenagem ao mais célebre dos haikaístas japoneses Bashô, um clássico da literatura japonesa que no século XVII dignificou o haikai e deu-lhe popularidade. Também o silêncio, a velhice e o próprio haikai são símbolos do estatuto zen.

No enxuto capítulo “NAÇÃO EM REDE”, o belíssimo haikai:

## TOPO DA COROA

Sinos de Silêncio  
Ressoam no oco da abóbada  
Memórias que sonham

(FORTES, 2015, p. 104)

É o haikai em toda a sua densa simplicidade, secundado pela beleza da “ULTRAPASSAGEM” e do “SAN JON”.

E encerra o livro, como não podia deixar de ser, com um capítulo dedicado à “MORABEZA”, esse sentimento tão nosso, tão caboverdiano, que conquistou o estatuto e o selo da identidade caboverdiana. E nele uma série de grandes haikais a dissecarem todo o complexo construído deste sentimento quase indefinível, a diáspora, as sinergias, a raiz: “No negro da loura,/No mestiço da Mulata,/ No crioulo da alma”, a música, a *sodade* e o *sahel*.

Como último comentário, a forte presença feminina no conjunto da obra, revelando, talvez, laços com a estética de *A cabeça calva de Deus* e o declarado amor de Fortes pela figura feminina, cabendo aqui ressaltar a dedicatória “À namorada de toda uma vida”, referência explícita, para os amigos do poeta, à sua esposa Madalena. Tal como afirmou Ramalho, em Fortes, a

terra caboverdiana ganha traços femininos por diversas razões: uma delas poderia ser, vamos dizer, estética, definindo a preferência do autor pelo repertório imagístico do universo feminino. Isso se materializa nos múltiplos trechos em que a descrição do espaço se confunde com a descrição do corpo feminino, e a terra possui útero, ventre, seios. Outra razão é fruto da diáspora predominantemente masculina que marcou (e ainda marca) a história do país, tendo a figura da mulher o papel de representar, de modo mais fiel, a cidadania caboverdiana, pois, sendo ela quem cumpre mais contundentemente o extremo “ficar” do sistema binário “partir” X “ficar”, que é uma das marcas culturais do país, será ela o principal testemunho do que representa enfrentar as condições adversas que a terra oferece sem perder, contudo, o “Eros” caboverdiano. (RAMALHO, 2015, p. 455)

Com canções e haikais, Corsino Fortes fecha este novo e final ciclo de sua vida e de sua poética, motivando as palavras do acadêmico Filinto Elísio, seu editor: “Corsino Fortes... nos lega agora e doravante um elixir diferente e um existir mais espiritual, tendo o silêncio, depois da saga do tambor, como ponto nodal onde se exaure a poesia”.

Esta é a obra fascinante que Corsino nos lega poucos dias antes de seu passamento e, se já ele se tinha da lei da morte libertado com a sua épica *A cabeça calva de Deus*, esta nova obra só confirma a consagração ocorrida.

Encerro, asseverando que a liderança carismática exercida por Corsino Fortes na Academia Caboverdiana de Letras, de que ele foi cofundador e primeiro presidente, ficará para sempre como patrimônio imaterial nacional que os caboverdianos saberão sempre reverenciar. E, resgatando a citação que abre o estudo que Ramalho fez da trilogia épica do poeta, agregando-lhe, agora, versos do livro *Sinos de silêncio*, para que ecoem sempre em nós os haikais de Corsino: “Cantem a Javé um cântico novo! Que o louvem até os confins da terra; que celebrem o mar e tudo o que nele existe, as ilhas com seus habitantes” (ISAÍAS, 42,10).

Praia, 20 de outubro de 2015.

## REFERÊNCIAS:

FORTES, Corsino. *Sinos de silêncio: canções e haikais*. Lisboa: Rosa de Porcelana, 2015.

GOMES, Simone Caputo. Prefácio. In: FORTES, Corsino. *Sinos de silêncio: canções e haikais*. Lisboa: Rosa de Porcelana, 2015, p. 11-19.

LEITE, Ana Mafalda. *A modalização épica nas literaturas africanas*. Lisboa: Vega, 1995.

RAMALHO, Cristina. *A cabeça calva de Deus, de Corsino Fortes, o epos de a nação solar no cosmos da épica universal*. Aracaju: Editora ArtNer, 2015. v. 1. 534 p.

Texto recebido e aprovado em 22 de outubro de 2015.